



2111 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

A dialética hegeliana e o conceito de abstração reflexionante em Jean Piaget: Das possibilidades do ser humano enquanto ser inacabado e atuante

Diandra Dal Sent Machado - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Resumo: Neste trabalho, partimos do entendimento piagetiano de que o ser humano não está dado como pronto e acabado, mas que existe como um organismo que comporta fechamentos e aberturas para as trocas com o meio. Essas aberturas permitem que o organismo se transforme em sujeito por meio de sua própria atividade, construindo-se em níveis mais complexos de si no decorrer do desenvolvimento. Nessa explicação, é de algum destaque o conceito de abstração reflexionante. Esse conceito é fortemente marcado pela dialética hegeliana. Com o intuito de entendermos como se dá a presença da dialética hegeliana no conceito de abstração reflexionante, este trabalho se divide em três partes, a saber: (i) apresentação de aspectos gerais da proposta epistemológica desenvolvida por Jean Piaget, em que consta o conceito de abstração reflexionante como parte da explicação para a questão de como se forma o conhecimento, como capacidade ou estrutura; (ii) apresentação da dialética hegeliana, sobretudo por meio dos sentidos de *Aufhebung*; (iii) apresentação do conceito de abstração reflexionante, mesclando-se com a análise da presença do movimento dialético hegeliano nesse conceito piagetiano.

Palavras-chave: Jean-Piaget, abstração reflexionante, dialética hegeliana, inacabamento do ser, ação.

Considerações iniciais

Jean Piaget (1896-1980) desenvolveu uma epistemologia que se contrapõe tanto ao apriorismo quanto ao empirismo estrito. Essa epistemologia recebeu o nome de Epistemologia Genética e sua elaboração, apoiada na Psicologia Genética, deu-se por meio da colaboração entre Piaget e pesquisadoras/pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. O termo "genética" utilizado na denominação da teoria diz respeito ao sentido de gênese. A preocupação de Piaget era com a questão de como é possível passar de conhecimentos mais simples para conhecimentos mais complexos. Para responder tal questão, o epistemólogo genebrino precisou investigar como se forma o conhecimento, estudando, assim, a própria gênese do sujeito cognoscente.

Ao falar da gênese do conhecimento e do próprio sujeito cognoscente, Piaget entende que o ser humano não existe de modo pronto e acabado. Para o autor, o ser humano tanto (i) não nasce com suas capacidades cognitivas já formadas quanto (ii) não as adquire como mera cópia do meio externo. Piaget rompe com a ideia de que o sujeito é passivo em relação ao que o meio externo oferece. Nas antípodas da ideia de que o ser humano é passivo em relação ao que o meio oferece, o epistemólogo genebrino entende que a atividade é fundamental no movimento de construção do conhecimento. Isto é, a atividade do próprio ser humano, sobre o mundo e sobre si mesmo, é o que permite a construção de suas capacidades cognitivas, ou ainda, de si mesmo como sujeito cognoscente.

Contudo, a atividade não se dá sempre do mesmo modo. Ela vai se dando em níveis mais complexos no decorrer do desenvolvimento. No âmbito dessa modificação nos modos de ser da atividade, temos, por exemplo, a transformação da ação em operação. Entenda-se operação como ação interiorizada, isto é, como ação que se dá no âmbito do pensamento. Como operação, a ação ultrapassa a concretude e se expande em possibilidades de atuação para o sujeito; o que também amplia o mundo do objeto para o sujeito, uma vez que, na Epistemologia Genética, sujeito e objeto existem como díade. Há nisso um movimento constante de possibilidade de complexificação daquilo que o ser humano está sendo em dado momento, e todo esse movimento passa pela própria atividade do sujeito em sua relação consigo mesmo e com o entorno.

Nesse processo genético, Piaget entende que a afetividade se insere como aquilo que impulsiona a ação. Se as capacidades cognitivas do sujeito só podem vir a ser na medida em que há ação, para que exista ação, há, antes, uma energética. Essa energética é a afetividade e, assim como as capacidades cognitivas, a afetividade não é dada como pronta e acabada para o ser humano. Não entraremos nessa questão neste trabalho, mas frisamos que o entendimento piagetiano é o de que não há ação sem afetividade, logo, não é possível falar em desenvolvimento das capacidades cognitivas e do próprio sujeito cognoscente sem considerar a intrínseca relação entre inteligência e afetividade.

Dito isso, destacamos que a formação de Piaget foi na área da Biologia. Daí seu entendimento de que o ser humano existe como um sistema com fechamentos e aberturas que permitem trocas com o meio externo, possibilitando sua adaptação e sobrevivência. Para que exista sujeito, é necessário que antes exista o organismo. É o organismo que, ao agir sobre o meio externo e sobre si mesmo, vai se transformando em sujeito. Essa transformação vai se dando na medida em que o organismo vai construindo modos mais adaptados de lidar com o meio externo, donde a construção das capacidades cognitivas e a transformação de si em sujeito. É preciso notar que o vir a ser do sujeito não se dá como algo independente do mundo físico e social ao seu entorno. O organismo só se faz sujeito na medida das contribuições do que lhe é externo. Sem a necessária relação com o mundo, não há vir a ser do sujeito.

O que foi dito acima acerca da proposta epistemológica de Piaget, insere-se como quadro geral do qual faz parte o ponto específico que trataremos a seguir. Sem esse quadro geral, ainda que brevemente apresentado, esse ponto específico correria o risco de carecer de sentido. Vejamos em que consiste o ponto mencionado.

A obra de Piaget é bastante vasta, o que levou Montangero e Maurice-Naville (1998) a dividirem ela em quatro grandes períodos. O último grande período engloba obras influenciadas pela dialética desenvolvida por Friedrich Hegel (1770-1831). Inserindo-se como influência tardia no pensamento de Piaget, a presença da dialética hegeliana nas obras desse último grande período não se dá como distanciamento daquilo que o epistemólogo genebrino vinha desenvolvendo até o momento, mas como complementação e aprofundamento de trabalhos anteriores. Entre as obras desse quarto período, citamos *Abstração Reflexionante: Relações Lógico-Aritméticas e Ordem das Relações Espaciais* de 1977. Nela, Piaget se preocupa em explicar como se dá a produção de novidades no âmbito do conhecimento. Essa questão já havia sido trabalhada em obras anteriores. Todavia, nessa obra de 1977, a discussão acerca dessa questão é aprofundada por meio do conceito de

abstração reflexionante. Esse conceito é propriamente dialético.

Para analisarmos em que sentido é possível afirmarmos o caráter dialético do conceito de abstração reflexionante, a seguir, iremos nos deter sobre a dialética hegeliana, mais especificamente, sobre o sentido do *Aufhebung* dentro dessa dialética, para, na sequência, apresentarmos o conceito de abstração reflexionante, explicitando sua dialeticidade.

Abstração reflexionante e dialética hegeliana

O termo dialética origina-se do verbo grego *dialogesthai*, cuja preposição *diá* traz a ideia de coexistência de contrários. Dentro da tradição dialética, a coexistência dos contrários impulsiona, ou ainda, aquilo que movimenta o mundo e o próprio ser humano. Dentro dessa tradição, vida é movimento. Heráclito de Éfeso (aproximadamente 535 a.C.-475 a.C.) é considerado o pai da dialética. Para ele, a existência do movimento exige também alguma estabilidade. Sem algum nível de estabilidade, nem mesmo a mudança se faz possível. Há, portanto, uma coexistência necessária entre mudança e permanência. Essa coexistência entre mudança e permanência se estende para o pensamento Hegel, considerado o pai da dialética moderna.

Em Hegel, assim como em Heráclito, há o entendimento de que o ser não é, mas está sendo. No Prefácio de *Fenomenologia do Espírito*, Hegel afirma que “[...] o Espírito nunca está em repouso, mas é concebido sempre num movimento progressivo.” (1980a, p.10). Ao falar da dialética hegeliana, Bornheim (1983) afirma que “[...] a dialética permite compreender que o ser vem a ser através do processo [...]” (p. 49). A ideia de processo é fundamental dentro da concepção dialética. Nesse sentido, Hegel afirma:

O verdadeiro é o todo. Mas o todo é somente a essência que atinge a completude por meio do seu desenvolvimento. Deve-se dizer do Absoluto que ele é essencialmente resultado e que é o que na verdade é, apenas no fim. Nisto consiste justamente sua natureza: ser algo efetivo, sujeito ou devir-de-si-mesmo. (1980a, p. 13).

Do trecho citado, interessa-nos a ideia de processo, ou ainda, de desenvolvimento. Em *Introdução à História da Filosofia*, Hegel afirma que “[a] idéia é a verdade e unicamente a verdade; ora, é essencial à natureza da verdade o desenvolver-se e chegar à compreensão de si própria, e só através do desenvolvimento torna-se aquilo que é.” (1980c, p. 335). Nesse processo de vir a ser, a contradição é entendida como aquilo que impulsiona o movimento, isto é, como aquilo que faz com que o próprio processo de vir a ser possa se dar.

Hegel se contrapõe ao entendimento parmenídico de que, por ser sinônimo de imperfeição e, assim, daquilo que é falso, a contradição deve ser abandonada. Por meio do processo dialético, Hegel busca “[...] em definitivo, a supressão da contradição. Mas, contra toda a Metafísica anterior, ele compreendeu que tal supressão só pode ser alcançada se se enfrentar a contradição ao invés de estabelecer regras para evitá-la [...]” (BORNHEIM, 1983, p. 53). Hegel é um filósofo da identidade, mas um filósofo que encara a contradição. Para ele, “[a] vida do Espírito não é a vida que tem medo diante da morte e se preserva da destruição, mas é a vida que suporta a morte e se conserva nela.” (apud BORNHEIM, 1983, p. 45). Conforme Bornheim (1983), “[...] em Hegel não se trata de substituir um desvio pela via certa, e sim de suportar o desvio, porque só então se alcança aquele ‘certo’ em toda a sua plenitude.” (p. 46). O movimento dialético, posto como forma do processo, só se faz possível pela contradição. Mas o processo não se resume à pura contradição. Vejamos como isso se dá.

O termo *Aufhebung* é nuclear dentro da dialética hegeliana. De modo estrito, *Aufhebung* tem o significado de “suspender”. Dentro da dialética hegeliana, esse termo “[...] tem o triplice sentido de tomar, conservar e elevar; o que toma conserva através do todo do processo, mas o ergue a uma instância superior.” (BORNHEIM, 1983, p. 51). Considerando esses três sentidos do termo, pode-se dizer que o marco inicial de um movimento dialético é sempre um determinado estado de coisas. Parte-se de algo que está sendo. Esse momento pode ser entendido como o momento de afirmação ou de tese. A afirmação abre a possibilidade para o início de um movimento dialético. A partir desse momento inicial, um segundo momento encontra possibilidade de vir a ser, a saber, o momento da negação ou da antítese. Sem a existência anterior de uma afirmação não há espaço para a efetivação da possibilidade de vir a ser de qualquer negação. A negação é justamente o que conflita, em algum nível, com aquilo que constituía o estado de afirmação anterior.

Hegel fala do “trabalho do negativo” (1980a, p. 13). O negativo exerce uma função de destaque dentro do movimento dialético. Sem o negativo, não há impulso para a modificação. Todavia, é preciso notar que a afirmação, isto é, a “[...] identidade inicial [...] traz em si o não-identico, o diferente do idêntico, ou o outro que não o idêntico; desse modo, o positivo só o é aparentemente; pois, em verdade, a identidade inicial contém o negativo.” (BORNHEIM, 1983, p. 49). Em Hegel, a negação não é algo exterior; “[a] contradição não é algo que se acrescenta desde fora à identidade inicial; ela está implícita na tese, e a antítese não faz mais do que explicitá-la.” (Ibid., p. 50). Conforme indicamos anteriormente, o processo não se resume à contradição. Nesse sentido, Bornheim (1983) afirma que “[...] não se trata em Hegel de fazer com que o pensamento fique emperrado na própria contradição.” (p. 50). É nesse sentido que o terceiro momento do movimento dialético vem a ser, posto como resolução do conflito. “O que Hegel persegue é a superação da contradição a favor de uma unidade final, e o processo que permite atingi-la está na negação da negação.” (Ibid., p. 51). A suspensão da contradição só se faz possível pela negação da negação. Sem que o movimento fique emperrado na contradição, é somente por meio dela que o movimento dialético posto como totalidade, ainda que momentânea, pode se dar. “[A] contradição [...] é o elemento impulsionador através do qual se pode atingir a síntese.” (Ibid., p. 52). Como negação da negação, sem com isso retornar ao momento de afirmação, a superação, ou ainda, a síntese vem a ser.

A síntese não se dá como simples soma entre tese e antítese. Hegel entende o todo como sendo mais do que a simples soma das partes. A síntese ultrapassa aquilo que existia na tese e na antítese; supera-as. “A contradição [...] dá lugar a um novo momento que é a síntese, e que faz da verdade o resultado de um processo do mesmo modo como a antítese explícita a tese, a síntese desdobra a antítese, em busca de uma identidade superior.” (BORNHEIM, 1983, p. 51). O terceiro momento comporta em si os dois momentos anteriores, isto é, “[...] a síntese contém em si o todo do processo [...], já que ela supera os momentos que lhe são anteriores conservando-os em si [...]” (Ibid.). No início da *Fenomenologia do Espírito*, Hegel exemplifica esse movimento de subsunção dizendo:

O botão desaparece no desabrochar da flor, e pode-se dizer que é refutado pela flor. Igualmente, a flor se explica por meio do fruto como um falso existir da planta, e o fruto surge em lugar da flor como verdade da planta. Essas formas não apenas se distinguem mas se repelem como incompatíveis entre si. Mas a sua natureza fluida as torna, ao mesmo tempo, momentos da unidade orgânica na qual não somente não entram em conflito, mas uma existe tão necessariamente quanto a outra; e é essa igual necessidade que unicamente constitui a vida do todo. (1980a, p. 6).

Todos os momentos do movimento dialético são igualmente necessários. O todo depende de cada um deles. O último momento do movimento comporta em si os dois momentos anteriores, assim como o segundo momento comporta em si o primeiro, e o primeiro comporta em si o todo do processo que se desenrolou anteriormente. Nisso consiste o elemento de conservação na superação. A conservação é o que permite a continuidade entre aquilo que estava sendo e aquilo que passou a ser. A conservação garante a continuidade do processo, e não um rompimento absoluto. Dando o tom geral do movimento dialético hegeliano, Bornheim (1983) diz:

Vimos que a dialética é constituída de suspensões: ela suspende, mas de tal maneira que os termos suspensos são guardados no suspenso, dentro porém de uma nova condição: cada suspensão traz consigo uma relação constitutiva mais penetrante, constrói uma etapa mais próxima da unidade final. Nesse sentido, cada momento da dialética se revela como sendo a verdade do momento anterior: a antítese é a verdade da tese, e esta passa a ser uma inverdade; por sua vez, cada síntese termina manifestando uma inverdade, na medida em que instaura um novo processo dialético. (p. 53).

Nesse processo que se dá como continuidade, existe a ideia de fechamento e abertura, posta como o jogo entre permanência e mudança. O fechamento do movimento, resultando dos três sentidos do *Aufhebung*, é sempre momentâneo. Quando esse fechamento efetiva um novo estado de coisas, ele também abre possibilidade para o início de um novo movimento dialético. Isto é, o fechamento institui uma nova afirmação, que, por sua vez, abre-se como condição de possibilidade para o surgimento da negação, e, da relação entre afirmação e negação, dá-se a possibilidade do vir a ser da superação, resultando em um outro momento de afirmação e assim sucessivamente. "Hegel compara o processo a um círculo – ele fala mesmo em círculo de círculos, já que cada síntese atingida abre um novo movimento dialético." (BORNHEIM, 1983, p. 52).

O movimento dialético é processual, e um processo sempre se desenrola no tempo. É importante destacarmos que a história ocupa um posto importantíssimo dentro do pensamento hegeliano. O movimento dialético se desenrola na história. Para Hegel, a contradição é o motor da história, mas só na medida em que vai formando identidades. Para o pai da dialética moderna, a Razão é histórica, bem como o ser. Mais do que ser histórico, o ser é história. No sentido mesmo do movimento dialético, a história é ruptura e permanência. Sem desconsiderar as muitas diferenças existentes entre o pensamento de Hegel e o de Piaget, podemos dizer que a história é ponto importantíssimo também dentro da epistemologia piagetiana. Essa importância se revela pela proposta de um estruturalismo genético que está longe de ser a-histórico, na medida em que entende as estruturas cognitivas como estruturadas no tempo e na medida das relações com o entorno (Cf. PIAGET, 1979).

Considerando o que foi dito aqui acerca do movimento dialético hegeliano e o caráter histórico da gênese das estruturas cognitivas em Piaget, vejamos em que consiste o conceito de abstração reflexionante utilizado pelo epistemólogo genebrino e em que medida podemos entender esse conceito como dialético.

A *teoria da abstração* busca explicar como se produzem novos conhecimentos, isto é, trata do "[...] problema da crescente riqueza das 'formas' [...]" (PIAGET, 1995, p. 278), entendendo que é a própria abstração reflexionante que engendra essas formas. Mas em que consiste a abstração reflexionante?

A abstração reflexionante "[...] é um processo que permite construir estruturas novas, em virtude da reorganização de elementos tirados de estruturas anteriores e, como tal, tanto pode funcionar de maneira inconsciente como sob a direção de intenções deliberadas [...]" (PIAGET, 1995, p. 193). Ela é entendida por Piaget como processo. Aos moldes do movimento dialético hegeliano, ela se dá como algo que se desenvolve no tempo.

Entendida como processo, a abstração reflexionante é constituída por dois movimentos: o reflexionamento e a reflexão. O primeiro movimento, posto como reflexionamento, consiste na "[...] projeção [...] sobre um patamar superior daquilo que é tirado do patamar inferior [...]" (PIAGET, 1995, p. 274-275). O segundo movimento, isto é, a reflexão, dá-se "[...] como ato mental de reconstrução e reorganização sobre o patamar superior daquilo que foi assim transferido do inferior [...]" (Ibid.). Reflexionamento e reflexão são aspectos inseparáveis da abstração reflexionante (Cf. PIAGET, 1995), e ocorrem em todos os momentos do desenvolvimento.

Para que exista reflexão, isto é, reconstrução, é preciso que tenha existido anteriormente um movimento de retirada dessas qualidades de um patamar anterior; isto é, é preciso que tenha existido reflexionamento. Na medida em que existe essa retirada de algo de um patamar anterior e a projeção ou elevação desse algo para outro patamar, haverá reconstrução. Isso se dá porque a organização que existia no patamar anterior não é mais suficiente no patamar em que essas qualidades foram projetadas. Desse modo, reflexionamento e reflexão existem como momentos inseparáveis e constituintes da abstração reflexionante como movimento, ou ainda, como processo.

Como vimos anteriormente, Hegel compara o processo dialético a círculos. Isso porque cada síntese abriria um novo movimento dialético, na medida em que se transforma em afirmação. Piaget compartilha desse entendimento. Todavia, Piaget destaca que essa nova afirmação, ou ainda, essa nova organização, efetiva-se em um patamar mais amplo em relação ao patamar anterior, isto é, ao momento em que teve início o movimento de abstração reflexionante em questão. Piaget fala em espiral para ilustrar o processo de abstração reflexionante. Os movimentos de reflexionamento e de reflexão, como constituintes do processo contínuo de abstração reflexionante, permitem que cada nova organização venha a ser como mais abrangente do que a organização anterior. Como na síntese dialética hegeliana, a organização anterior é subsumida na organização posterior, posta já em um patamar mais abrangente e complexo, em termos de extensão e compreensão. Tal como no movimento dialético hegeliano, essa síntese passa a atuar como tese. Isto é, cada nova síntese produzida por reflexionamento e reflexão constitui-se como um novo estado de coisas para o sujeito. O estado é a resultante do processo, e se impõe como nova organização que estará disponível ao sujeito para lidar consigo mesmo e com o mundo em situações de trocas futuras. A síntese torna-se tese, e, como tese, abrirá possibilidade para sínteses futuras, contando com novos movimentos de reflexionamento e de reflexão. Como afirma Piaget, esse movimento não tem fim, assim como não é possível demarcarmos para ele um começo absoluto (Cf. PIAGET, 1995, p. 277).

A espiral ascendente ilustra o processo contínuo de construção do conhecimento, bem como do próprio sujeito cognoscente. Resgatando o que vimos no início deste trabalho, esse processo se dá na dependência das ações do próprio sujeito em suas relações consigo e com o mundo ao seu entorno. No movimento de sucessivos reflexionamentos e reflexões, cada nova construção se dá como síntese, e a síntese marca a evolução das estruturas cognitivas do sujeito, bem como abre possibilidade para que esse processo de desenvolvimento tenha continuidade. A continuidade permite que falemos em desenvolvimento. É por meio do movimento de retirada de algo de um patamar anterior, isto é, de algum grau de conservação, e de reconstrução a partir desse algo em um patamar superior, isto é, de superação, que podemos falar em progresso do conhecimento para o sujeito, bem como de seu próprio desenvolvimento enquanto sujeito.

De modo geral, o movimento de abstração reflexionante tanto (i) produz novidade, pois a reflexão é justamente uma reconstrução, ou seja, faz com que passe a existir algo que não existia antes, (ii) quanto permite continuidade entre aquilo que estava sendo e aquilo que passou a ser. O que é retirado de um patamar anterior, mesmo reformulado no patamar posterior, continua existindo nesse algo "novo", embora não mais do mesmo modo. A abstração reflexionante engendra novidades, mas essas novidades jamais são construídas do zero. A novidade se dá sempre a partir das construções anteriores do sujeito. Nesse sentido, o processo de gênese do conhecimento e do próprio sujeito cognoscente envolve mudanças e permanências, aos moldes do que propõe a tradição dialética.

A *teoria da abstração reflexionante* aprofunda a contraposição de Piaget às epistemologias aprioristas e empiristas em sentido estrito. Essa superação se dá pelo entendimento da gênese do conhecimento e do próprio sujeito cognoscente como o desenrolar de processos eminentemente dialéticos, cuja explicação se encontra no movimento de abstração reflexionante, com seus momentos constituintes e necessários de reflexionamento e de reflexão.

Considerações finais

O conceito de abstração reflexionante é parte de um esforço teórico que entende o conhecimento e o próprio sujeito cognoscente como algo em aberto, ou ainda, como inacabados. Para Piaget, conhecimento e sujeito cognoscente, na medida em que se confundem, não estão dados como prontos, mas se fazem no processo que é engendrado pela atividade do próprio ser humano sobre o mundo e sobre si mesmo.

Existem diferenças entre o pensamento de Hegel e o de Piaget, e a questão de que, em Hegel, a negação existe como algo que já está contido na afirmação nos dá pistas de como essas diferenças podem ser pensadas. Todavia, essa discussão ultrapassa os limites deste trabalho, e para além das possíveis diferenças entre os autores, mas sem o intuito de postular identidades, é de comum entendimento entre

eles que o ser humano se faz na medida de sua atividade e que esse fazer-se a si mesmo pela sua própria atuação se dá na história. Dentro do que nos propusemos aqui, destacamos que o movimento de abstração reflexionante se dá em sentido dialético, posto como um todo que depende necessariamente de cada uma das partes para existir enquanto processo, e cujo resultado abre possibilidade para o desenrolar de outros movimentos também dialéticos.

Em Piaget, o processo genético se desenrola na dependência tanto da ação do sujeito, que se dá a partir daquilo que no momento dispõe como organização, quanto do meio ao seu entorno. Nesse processo, o organismo biologicamente constituído torna-se capaz de se construir como sujeito consciente de si mesmo e do mundo em que vive. Para a Epistemologia Genética, sujeito e mundo (objeto) constituem-se dialeticamente; a ampliação das capacidades cognitivas do sujeito possibilita que sua ação se dê de modos distintos, tanto sobre si mesmo quanto sobre o mundo.

Se o ser não é, mas está sendo, ele poderá vir a ser de outros modos. O que existe é um processo em aberto, que pode ser orientado pela própria atividade humana. Por mais que a atividade se dê sempre em relação com o que já existe no sujeito e no mundo, o inacabamento do ser traz consigo a possibilidade de ir além daquilo que se está sendo. Nesse sentido, a própria Educação, em sentido amplo, isto é, não apenas como educação escolar, na medida em que é parte do mundo de que depende a própria elaboração do sujeito como tal, pode auxiliar no movimento contínuo de fazer-se sujeito consciente de si e do mundo; auxiliando, por exemplo, na constituição do ser humano como um ser que se entende como parte de um todo, de uma comunidade propriamente dita, em que valores como o respeito mútuo e a ideia de justiça como algo propriamente humano e não absoluto, por exemplo, bem como a valorização da vida democrática, com tudo o que isso implica, façam sentido e orientem a ação do sujeito nas relações consigo mesmo e com o mundo ao seu entorno.

Bibliografia

BORNHEIM, Gerd A. *Dialética: teoria, práxis; Ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da Dialética* Porto Alegre: Globo, 1983.

HEGEL, Friedrich. *Fenomenologia do espírito*. São Paulo: Abril Cultural, 1980a. (Os Pensadores).

_____. *Introdução à história da filosofia*. São Paulo: Abril Cultural, 1980c. (Os Pensadores).

MONTANGERO, J; MAURICE-NAVILLE, D. *Piaget ou a inteligência em evolução*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

PIAGET, Jean. *O Estruturalismo*. 3 ed. São Paulo: Difel, 1979.

_____. *A epistemologia genética; Sabedoria e ilusões da filosofia; Problemas de psicologia genética* São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

_____. *Fazer e compreender*. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1978.

_____. *O nascimento da inteligência na criança*. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1987.

_____. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Editora Summus, 1994.

_____. *Abstração Reflexionante. Relações lógico-aritméticas e ordem das relações espaciais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. *Relações entre a Afetividade e a Inteligência no desenvolvimento mental da criança* Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

HERÁCLITO. In: *Os Pré-socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores).